

### ORGANIZADOR

## **ADEMIR PASCALE**

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais Este e-book é parte integrante da Revista Conexão Literatura ISBN: 978-65-00-84436-8

2023

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

## SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

AQUI NÃO JAZ, POR DANIELA ONNIS, PÁG. 05
NOIR - A CLIENTE, POR MAURO M. MASSUDA, PÁG. 10
CUIDADO COM O QUE VÊ, POR ORIETA SCHIMIDT, PÁG. 16
O X DA QUESTÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 21
O QUÊ À FRENTE?, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 24
PROCURA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 26
IMPRECISA JORNADA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 28
DETETIVES INTERDIMENSIONAIS, POR WILLIAM F. EUGÊNIO, PÁG. 30
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 36

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

# CONTOS E POEMAS DETETIVESCOS





Por Daniela Onnis

Daniela Onnis, nascida em Salvador, Bahia, é apaixonada por livros desde a infância e começou a escrever poesias aos doze anos. A inclinação para o teatro apareceu na mesma época. Apesar de formada em Computação, tem na arte seu propósito de vida. Participou de vários espetáculos como atriz e em 2020 publicou seu livro de poemas pela Amazon, Brincando de Rimar. Foi selecionada para a antologia "Crônicas da Noite", que será lançada no final do ano pela editora Lura, e para o Sarau Brasil 2023, antologia da editora Vivara.

### Seu irmão está vivo.

A notícia pegou Geraldo de surpresa. O choque foi maior do que o provocado pela primeira notícia, a da morte de Ronaldo, recebida três anos antes.

Lembrava-se bem daquele dia. Era uma manhã de domingo, chovia bastante e ele estava de pijamas na frente da televisão, sem a menor vontade sair de casa. Quando o telefone tocou, atendeu sem pressa, os olhos ainda grudados na tela. Só foi se dar conta da gravidade da situação quando ouviu uma voz feminina desconhecida perguntando pelo "Senhor Geraldo".

Senhor? Geraldo trabalhava como vendedor numa loja de calçados e nem tinha concluído o segundo grau. Apesar de ter mais de 50 anos, era ele quem chamava qualquer outra pessoa de "senhor", e não o contrário.

— Lamentamos informar sobre um acidente ocorrido com Ronaldo de Souza, que acreditamos ser seu parente. Seu número consta na carteira encontrada com ele. Precisamos que venha fazer o reconhecimento do corpo.

Foi como um soco no estômago. Geraldo e o irmão mais velho não se viam há mais de 15 anos. Ronaldo havia saído da cidade depois de ter se metido em muitas confusões e nunca mais ninguém da família soube dele. O pai morreu poucos anos depois, diziam as más línguas que de desgosto, mas a mãe rezava todos os dias pela volta do filho pródigo. Até o maldito telefonema que acabou com todas as suas esperanças.

Não houve outro jeito. Geraldo teve que ir ao necrotério reconhecer um corpo absolutamente irreconhecível, que tinha o rosto completamente desfigurado pelo acidente, um desastre de carro. A identificação foi feita por um anel prateado no dedo do morto, o anel que ele usava sempre, presente de uma antiga namorada. Não havia dúvidas, era mesmo Ronaldo.

O enterro foi simples, com pouca gente. A família era pequena e o falecido não tinha dinheiro nem amigos. A mãe idosa estava inconsolável e todos se perguntavam se um coração de quase 90 anos aguentaria tão duro golpe. Contrariando todas as expectativas, ela aguentou. A partir daquele dia, D. Iraci passou a visitar o túmulo do filho todas as manhãs. Levava flores, rezava, conversava com ele... era assim que podia suportar sua dor e continuar vivendo.

Agora, três anos depois, quando a vida já tinha voltado ao normal, um fulano qualquer do qual Geraldo nunca tinha ouvido falar vinha bater à sua porta com uma piada de muitíssimo mau gosto:

### Seu irmão está vivo.

O estranho nem esperou a pergunta óbvia ("Como é possível?") e foi logo explicando. Ronaldo tinha sido assaltado no dia do acidente. Levaram tudo que tinha consigo: seu carro velho sem seguro, seus documentos, até seu anel de estimação, que não valia um centavo. O homem no necrotério era, na verdade, o ladrão infame. Ronaldo arcou com o prejuízo e não deu queixa de nada, ele próprio em dívida com a lei, sem pagar impostos há vários meses. O dinheiro que tinha conseguido acumular de forma talvez não muito lícita tinha acabado, então mandou um "amigo" procurar o irmão mais novo pra pedir ajuda.

— Então, posso dizer ao cara que você vai falar com ele? — indagou o "amigo".

Geraldo levou algum tempo para assimilar a informação. Ele tinha enterrado o corpo de um vagabundo na cova de seu irmão não menos vagabundo e sua mãe nonagenária ia ao cemitério diariamente chorar por ele. Como daria a notícia a ela? Não, a pobrezinha não resistiria mais uma vez. Ela sofrera a vida toda por causa daquele filho que só lhe dava trabalho, transformara-o num santo depois de sua morte, aceita por ela com tanta resignação e bravura, e agora ele resolvia voltar do além?

— Pode dizer a ele que venha aqui amanhã de noite. — disse Geraldo, tentando ganhar algum tempo. Teria 24 horas para colocar as ideias em ordem e decidir o que fazer.

Passou a noite em claro, remoendo os mais diversos sentimentos dentro de si: saudade, decepção, alívio, raiva. Na manhã seguinte foi cedinho até a casa da mãe para acompanhá-la ao cemitério. A velhinha abriu a porta com lágrimas nos olhos.

- Que foi? perguntou Geraldo, assustado.
- Um milagre, meu filho! respondeu D. Iraci. Eu tive uma visão...seu irmão apareceu para mim... bem na janela do meu quarto, hoje cedo! Vamos logo, que eu quero rezar o terço dez vezes!

Foi naquele momento que Geraldo soube o que tinha que fazer. Depois de trazer a mãe de volta, passou rapidamente no trabalho e pediu dispensa, alegando estar doente. Seguiu de lá diretamente para a casa de um companheiro de bar com quem costumava sair nos dias de folga. O sujeito, que atendia pela singela alcunha de Cratera, era um expolicial com músculos enormes, cérebro minúsculo e uma casa cheia de armas. Não foi difícil convencê-lo a emprestar sua pistola 6.35mm. Bastou dizer que queria dar um susto num traficante que estava rondando a rua onde morava.

Ao escurecer, Geraldo já estava em casa à espera de sua ilustre visita. Ronaldo chegou pouco depois das oito. Como encontrou a porta aberta, entrou de mansinho, sem fazer barulho, e deu de cara com o irmão caçula. Olharam-se longamente. Tanto anos, e nada para dizer. Foi o mais velho que deu o primeiro passo. Tinha no rosto um sorriso triste, um sorriso de cão que tem o rabo entre as pernas e mal tem coragem de encarar o dono depois de ter roído seus sapatos. O outro tinha uma expressão dura. Sem se mover, apontou a arma para Ronaldo e disparou um tiro certeiro em seu peito.

- Alô, Cratera? disse Geraldo, ao telefone. Lembra do traficante que te falei?
  O cara tentou invadir meu barraco, apaguei na hora. Tá aqui estirado bem no meio da sala.
- Tranquilo, Chefia. Arruma aí uns sacos pra enrolar o presunto, que mais tarde eu mando alguém ir buscar. Essa desgraça vai sumir do mapa, nunca mais ninguém acha.

Já era quase meia noite quando três integrantes do bando de Cratera apareceram na casa de Geraldo. Foi tudo muito simples e rápido. Saíram carregando o morto pela porta dos fundos e partiram num carro preto que já tinha participado de outras operações similares. Restou apenas o sangue no piso da sala, que Geraldo tratou de lavar imediatamente.

O dia seguinte amanheceu bastante chuvoso, mas D. Iraci insistiu em ir ao cemitério. Para seu grande espanto, encontrou um funcionário do local limpando o túmulo de Ronaldo.

- O que está acontecendo, moço? perguntou ela.
- Estou só dando um trato aqui, não lhe empato, não, senhora.
- Alguém lhe pediu, foi?
- O irmão dele disse o rapaz, apontando a lápide. Falou que queria tudo bonito, afinal de contas, é gente da família, né?

Feliz da vida com a gentileza de seu menino, a doce senhora colocou as flores no chão e pôs-se a rezar.



## Noir – A Cliente

Por Mauro M. Massuda

Mauro M. Massuda é paulistano nato, formado em Administração de Empresas, leitor desde a mais tenra idade, e escritor nas horas vagas. Pai de uma filha adorável, que é a sua principal plateia para as histórias que cria, mas também interessado em temas como política, ficção-científica, mundos de fantasia, sempre atrás de sua própria jornada de herói.

É como das outras vezes. Tento ajudar como posso, coloco meus préstimos à venda, e sonho que estou ajudando a fazer deste muquifo um lugar melhor. É uma droga, algo que deveria largar de vez, mas não tenho como evitar, e sigo procurando mais uma dose. Não tenho como fugir disso, não enquanto estiver morando nessa cidade de sombras e cinzas de cigarro. Ainda sigo aqui, na luta e na trapaça, tentando enxergar pela neblina dos truques e enganações de outras pessoas e suas histórias mal-contadas.

Sou recebido de volta da minha jornada pela terra dos desacordados por uma bola luminosa, que gira sem parar, piorando a minha ressaca. A banda dos fuzileiros navais está tamborilando e marchando da minha nuca para a testa, e tem alguma coisa amarga na minha boca. Demoro uns minutos para perceber que aquela bola de luz é apenas a lâmpada no teto do meu escritório, e não o anjo da morte que resolveu me visitar e dar algum tipo de aviso prévio, e que estou deitado no velho sofá de couro encardido. Andei compartilhando esse sofá com duas garrafas de whisky barato, tão barato que metade do preço é o vidro do casco. Mas é o que cabe no meu orçamento, e cada dose me ajuda a aguentar mais um dia, uma tarde e uma noite de solidão e segredos. Só lamento que o baterista da banda que castiga minha cabeça parece ser movido a álcool. E quanto mais barato, mais ele se anima em descarregar suas baquetas no meu lóbulo frontal.

Eu me levanto, e vou cambaleando até o banheiro, num esforço digno de maratonista. Um sujeito velho, encardido e com a barba por fazer me encara no espelho, e tento fazer ele desaparecer lavando o rosto na água gelada. Sem sucesso, e agora além do sujeito ser feio, está todo molhado. Começo a tossir, quase engasgando, e sentindo como se um torrão de carvão estivesse tentando escapar dos meus pulmões, em busca de ar fresco. Mas que sai de dentro de mim é uma geléia marrom, que cuspo na cuba da pia.

Não se engane, já vi coisas piores. Como cadáveres de todas as idades e cores, e pessoas vivas que mais parecem cadáveres ambulantes. Basta saber que lata de lixo revirar, que beco escuro visitar. Nessa cidade o que não falta são lugares que você gostaria de esquecer e fingir que não existem.

Dez minutos depois, consigo arrumar as calças, a camisa e a gravata de volta em seus devidos lugares, e as coisas mais comprometedoras, incluindo as duas garrafas de whisky vazias estão em um lugar mais adequado, dentro de uma gaveta na minha escrivaninha. Uma hora vão se encontrar em um saco de lixo, mas vai ter que ficar para

depois. Tenho uma cliente agendada para daqui a pouco, e acho que estou apresentável o suficiente.

Quase todo mundo que me procura está atrás de provas de infidelidade conjugal para municiar um divórcio, cobrança de boleto atrasado no meu nome, ou são operadores de *telemarketing*, tentando me vender alguma coisa. Aquela mulher talvez entrasse na primeira categoria, mas se tentasse me vender algo, e eu tivesse algum dinheiro, eu provavelmente compraria. Mas os caras dos boletos atrasados apareciam com muito mais frequência do que clientes.

Ela chegou no horário marcado, o que me fez perceber, finalmente, que meu relógio estava parado. Abri a porta, e não pude deixar de encará-la por alguns segundos. Do ponto de vista profissional, estava apenas a avaliando e traçando seu perfil. Suas roupas pareciam caras, bolsa e sapatos de marca famosa, porém nada muito espalhafatoso, cores sóbrias e alguns poucos e chamativos adereços, como um colar de pérolas que parecia legítimo, e brincos de diamantes. Rica, discreta, provavelmente a jovem esposa de algum velhote cheio da grana. Talvez ela estivesse preocupada com uma escapada extraconjugal, e queria alguém para conseguir provas para um processo de divórcio milionário. Análise de perfil feita, encarei o fato de ser uma jovem ruiva atraente, cujo corpo cheio de curvas se movia como uma pantera dentro de uma jaula, procurando um jeito de escapar. Na minha fantasia, claro, a jaula eram suas roupas caras.

"Vai me convidar para entrar, ou vai ficar só me encarando?", ela perguntou, trazendo-me de volta da terra do zoológico de fantasia. Fiz um gesto, indicando a cadeira em frente a minha escrivaninha, e ela desfilou pelo meu escritório, como se levitasse por cima do tapete empoeirado. Acomodou-se na cadeira, e me encarou por alguns segundos. Olhou ao redor, e a princípio achei que procurasse o cinzeiro. Há muito tempo eu venho espalhando as cinzas dos cigarros pelo chão, e se havia algum cinzeiro largado em algum lugar do meu escritório, eu mesmo não seria capaz de encontrar, mesmo que me pagassem para isso.

Ela voltou-se novamente para mim, me fitando de cima para baixo. Percebi então que aquela beldade ruiva, na verdade, estava fazendo o mesmo que eu fizera minutos atrás - avaliando meu perfil pelo que conseguia observar. Mas achei improvável que, assim como eu, houvesse qualquer fantasia sobre eu ser um bicho dentro de uma jaula. Talvez, no máxima, uma foca gorda tentando caber numa banheira muito pequena.

"Confesso que você não é o que eu esperava," ela disse, com um sorriso. "Imaginei que detetives particulares fossem mais... novos."

"Os mais novos procuram emprego em agências de modelo, senhorita..." respondi, sentando-me atrás da escrivaninha, sem me preocupar se a resposta fazia sentido ou não. Ela me corrigiu dizendo ser a "Senhora K...", e reconheci o sobrenome. Era a esposa de um milionário meio quebrado, cuja fortuna já tinha visto dias melhores. A família fizera um império no ramo de chicletes e chocolates, três gerações de ricaços, cada uma desperdiçando um quinhão do que haviam herdado do patriarca e fundador de seu império grudento e doce. Agora ainda tinham dinheiro suficiente para calar políticos e policiais, mas estavam se tornando, dia após dia, um tigre de papel.

"Imagino, que a senhora talvez esteja pensando em se livrar do sobrenome e sair com uma maleta cheia de dinheiro, certo?" arrisquei um palpite, enquanto acendia um cigarro.

"Ah, não, longe disso," ela sorriu, com dentes perfeitos de marfim reluzente, "meu casamento é sólido. Imagino que sua clientela tenha muitas esposas desconfiadas, atrás de uma par de fotos que comprometa seus maridos, e dê munição para um bom divórcio. Mas meu caso é... diferente."

Ela se aconchegou na cadeira, acomodando todas aquelas curvas contra o estofado rasgado. "Antes de continuarmos..." ela sussurrou, inclinando-se para frente, como se quisesse compartilhar algum segredo, "essa cadeira é bem desconfortável, sabia?"

"A vida é desconfortável, senhora," respondi, sem pensar muito. Se pensasse, teria sido educado e oferecido o sofá. Se pensasse direito, lembraria que o sofá estava esburacado e fedia a noites suadas e whisky barato. E talvez um pouco de vômito. Melhor se acostumar com a cadeira, querida.

Ela suspirou, e colocou o jogo para fora. Queria discrição para resolver um assunto delicado, e conseguira meu nome com um dos velhos policiais do distrito onde eu trabalhara. Ele me dera uma boa avaliação, e avisara para não julgar um livro pela capa. Que bom. Se ela tivesse procurado uma indicação de Severina, minha faxineira eventual, provavelmente não teria aparecido aqui.

Severina era uma boa pessoa, e dadas as minhas condições financeiras, ela estava praticamente fazendo caridade ao vir limpar meu escritório. Pena que a qualidade do trabalho era proporcional ao que eu podia pagar.

"Posso contar com suas habilidades... e seu silêncio?" ela perguntou, soando frágil e misteriosa. Respondi-lhe que sim. Diabos, ela era tão bonita que se me pedisse para trocar óleo do seu carro, passear com o cachorro ou tirar o lixo da cozinha, com certeza faria tudo isso. Ou chamaria a Severina para fazer.

Nos próximos minutos, ela falou muito, e senti que não falou tudo. Havia sempre alguma coisa obscura na história dela, um detalhe aqui e ali que parecia destoar da narrativa. Ouvi em silêncio, e a beldade ruiva ia narrando sua história. Não costumo interromper meus clientes quando contam seus casos, assim posso acompanhar o que não está nas palavras. Como se sentam, o que parecem sentir, onde colocam ênfase. Se ficam irritados ou tristes em algum trecho do que contam. E esta aqui falava como se fosse uma gravação, como se já tivesse botado para fora as mesmas coisas, tantas vezes, que já não sentia mais nada. Havia essa garota, uma jovem adolescente, que desaparecera. E ela queria que eu a encontrasse. Não era um sequestro, ninguém havia pedido resgate, era quase certo que havia sumido por conta própria. E levado algum dinheiro da família. Dar parte à polícia era algo fora de questão, cada policial da cidade parecia ter um repórter a tiracolo, sedento por um furo, fofoca ou escândalo que ajudasse a vender jornal, e essa história com certeza tinha tudo isso. Mas precisava que eu a encontrasse, e rápido. Esclareceu com tranquilidade - até demais, beirando a frieza - quando lhe perguntei se teria ocorrido algum tipo de violência.

"Não, tenho certeza que ela está... bem," ela disse, desviando o olhar para a parede cheia de manchas de umidade, garantia de que ela apenas queria evitar dar mais detalhes.

Narrativa cabeluda, cheia de buracos. Não era sua parente, velha demais para ser uma filha ilegítima, sem muita explicação sobre que laços elas tinham entre si. Mas trabalho era trabalho. Disse meu preço, o valor por dia, mais despesas. Ela concordou sem sequer piscar, e aí me toquei que devia ter pedido mais. Paciência, sou detetive, não vidente. Ela sacou um maço de notas de sua bolsa e um papel, e colocou em cima da mesa.

"Isso deve cobrir a primeira semana," ela resumiu, se levantando e dando as costas para mim. Fiz um esforço para não babar em cima daquele dinheiro, e num gesto automático, minha mão se esticou para apalpar aquela gostosura. O dinheiro, quero dizer. Disfarcei e acabei pegando o papel. Havia um número de telefone, e uma anotação enigmática, escritos a mão. Letra cursiva, sem borrões, curvas delicadas. A mão que escrevera aqui era cuidadosa e leve, e certamente não estava com pressa quando o fez.

"Salomé, a Insaciável," li em voz alta. "Que diabos é isso?"

"Esse papel estava largado no... quarto da nossa desaparecida, e a letra é dela," ela respondeu.

"Há um número de telefone aqui, você tentou ligar para descobrir?" perguntei.

"Não," ela retrucou, "pois aí estaria fazendo seu trabalho, querido."

Sarcasmo à parte, adorei ela me chamar de "querido".

Num piscar de olhos, ela já estava novamente atravessando a porta do escritório. Acompanhei com os olhos aquela beldade caminhando em seus saltos altos, hipnotizado pelo seu requebrar lento e elegante, até ela desaparecer sob luz do corredor, com todos os seus segredos.



### **Por Orieta Schmidt**

Orieta Schmidt Espíndola, nascida em Florianópolis -SC. Formada nas faculdades de Enfermagem e Educação Física, com especialização em obesidade. É membro da ACHE (Associação Chapecoense de Escritores) desde 2018.

Publicações: 2017 o livro "A Estranha Casa da Tia Naná"; 2020 o livro Lili, a Florzinha Sonhadora; 05 participações nas Antologias da ACHE; 01 E-book com o Grupo de Escritores das Quintas. Publicará, no início de 2024, 02 livros, já concluídos: O Enigma da Folha Púrpura e A Revolta do Galinheiro.

Quando Carlos espiou pela janela, achou que o ruído que escutara, pouco antes, podia estar relacionado aos dois homens que passaram na frente da sua casa. Quem seriam os estranhos? Em um bairro onde todos se conheciam, era algo para se pensar! Porém, logo depois, ao ser chamado pela esposa, Vera, para o jantar, sua atenção mudara de foco e, após isto, não tornou a lembrar dos sujeitos.

No dia seguinte, logo pela manhã, foi surpreendido com uma notícia bombástica. Como podia? Seu vizinho tinha morrido afogado na piscina. Isto era inacreditável! Afogarse na piscina, impossível para alguém que nadava tão bem. Era certo que ele estava bastante idoso, portanto, poderia ter um derrame ou uma pneumonia ou um câncer ou qualquer outra doença... Mas afogado? Não! Não mesmo!

Então, quase que instantaneamente, tornou a pensar no que vira no dia anterior. E foi exatamente neste momento que passou a ponderar sobre algo perfeitamente viável. Seriam aqueles dois homens responsáveis pela morte do Paulo?

Nas horas seguintes concentrou sua atenção no que vira, repassando a imagem dos indivíduos, até que, o que era apenas suspeita, transformou-se em certeza. Assim, diante das conclusões, sabia que teria que adotar uma atitude. Sim, cabia a ele tomar uma providência, não deixar que a impunidade prevalecesse. Paulo, além de vizinho, era seu amigo, merecia que o defendesse.

Saiu de casa decidido a averiguar, certo de que encontraria as pistas que precisava para fazer uma denúncia. Iniciou sua busca pela rua, procurando marcas de sapatos na calçada, algum objeto ou qualquer coisa que pudesse identificar os assassinos, no entanto, nada encontrou. Compreendendo que precisava ampliar a sua investigação, dirigiu-se a casa do vizinho. Foi recebido pelos quatro filhos que tinham vindo de longe para o enterro do pai.

Orgulhoso do bem que julgava estar fazendo, informou sobre as suas suspeitas e solicitou a permissão para vasculhar a casa. Os filhos olharam para aquele senhor a sua frente sem entender o porquê de sua atitude um tanto excêntrica. Assassinado? Um homem de noventa anos, com muitos problemas de saúde, com certeza caíra na piscina ao ser fulminado por um infarto. O atestado, fornecido pelo médico legista, não deixava dúvidas. Assim, de forma alguma iriam permitir esta violação.

Impedido de prosseguir nas investigações, Carlos agora tinha mais uma certeza, os filhos estavam envolvidos. Estariam cansados de aguardar pela gorda herança? Seguramente! Lá se iam noventa anos, mas poderia ser muito mais, uma espera bastante longa.

Ainda mais preocupado, compreendeu que precisava fazer algo drástico, por isto, pegou o carro, dirigiu até a delegacia e contou ao policial, em detalhes, tudo o que havia apurado. Tinha certeza que diante da denúncia, uma grande investigação seria feita. Mas nada! Nem sequer registraram a sua queixa. Frustrado, retornou para casa, já traçando uma outra estratégia de ação.

À noite, depois de verificar que Vera estava dormindo, pegou uma ferramenta e se dirigiu a casa do vizinho. Precisou de força e algum tempo, mas conseguiu arrombar a janela. Com dificuldade, em virtude das pernas um pouco enrijecidas pela idade avançada, pulou a janela e entrou na casa. Agora tinha a convicção de que já deveria ter tomado esta atitude bem antes, pois só ali encontraria as pistas de que precisava. Sabia que era preciso ser cuidadoso para que não o descobrissem, mesmo porque, corria um sério risco de lhe acontecer algo grave. Minha nossa! E se ele também fosse assassinado?

Já tinha averiguado em diversos cômodos da casa quando, em um golpe de puro azar, derrubou um vaso. O barulho foi estrondoso, enquanto, assustado, observava os cacos do objeto a se espalharem pelo chão. Quase que instantaneamente, viu-se rodeado por diversas pessoas, o que o deixou apavorado. Encurralado e sem saber como fugir, quando as luzes do ambiente foram acesas, ele esperou pelo pior. Pouco depois, reconhecido pela acusação que fizera anteriormente, passou a ser atacado pela família de Paulo e expulso; sem contar que antes de sair, fora prevenido para que não mais voltasse, sob pena de que providências seriam tomadas.

Impossibilitado de retornar, ameaçado e agredido, ele ficou sem saber o que mais poderia fazer. Então, uma revolta começou a se formar dentro de dele, fazendo com que só pensasse em desmascarar aquela família de marginais.

Por alguns momentos permaneceu inerte, a falta de opções lhe refreando a ação, mas depois, lembrou que seu vizinho estava sendo velado na capela da cidade. Assim, Carlos viu reacender a esperança de encontrar algo junto ao corpo. Como não pensara nisto antes? É claro! Criminosos costumam esquecer pistas no corpo, ponderou, já

imaginando um desfecho surpreendente. Com certeza seria aclamado e talvez até recebesse uma medalha. Decifrar um crime, não é para qualquer um!

Ao chegar, logo percebeu que havia várias pessoas, contudo, não se preocupou com isto, pois o importante era a missão que tinha a cumprir. Sem prestar atenção nos que ali estavam, aproximou-se do caixão e começou o exame em busca do que necessitava. A inspeção precisava ser minuciosa e, portanto, enquanto remexia no defunto em busca das provas, pouco se importava com os olhares atônicos, cravados sobre ele.

Então o inimaginável aconteceu, pois, pouco depois, era arrastado pelos seguranças do local e atirado na rua como se fosse um bandido. Tratado como um bandido? Não podia acreditar! Com toda uma família de criminosos e ele ser tratado desta forma. Era demais!

Saiu dali bufando e se dirigiu ao cemitério. Só havia um buraco aberto, portanto, era ali mesmo que iria fincar os pés e esperar pelo vizinho falecido. A revolta estava muito maior, pois crescera mais e mais até chegar a hora do enterro. E foi ali, quando o caixão estava sendo depositado na terra que ele, já não aguentando, explodiu.

— Bandidos! Assassinos! Família de assassinos... Mataram o meu amigo. Prendam... Prendam...

Imediatamente foi algemado e conduzido à delegacia. Ele, na delegacia, tratado como um marginal e a família de assassinos solta, como se nada tivessem feito. Realmente, não podia aceitar! Era injustiça demais.

Então, pouco depois, por pura sorte, quando era interrogado por um policial, ele viu dois homens passando pelo corredor. UAU! Eram eles, os homens que ele tinha avistado na calçada de sua casa. Presos por mais um crime? Sem dúvida!

— Estão ali —	gritou, já	apontando	para os	sujeitos —	- Olha	Ali! Os	assassinos
gue a família contratou	J.						

— Seu maluco — disse-lhe com voz dura o policial que o interrogava — estes dois são o novo delegado e o assistente dele.

#### CONTOS E POEMAS DETETIVESCOS - ADEMIR PASCALE (ORG)

Dois policiais? E pior, delegado e assistente. Como se tivesse sido atingido por um raio, Carlos, em choque, finalmente compreendeu que a família nada tinha a ver com a morte do Paulo.

Então, consumido pela vergonha e arrependimento, abaixou a cabeça, mas já era tarde, ele tinha ido longe demais e não havia como voltar atrás. Se antes sua ambição era a fama e uma medalha, agora, tudo o que mais queria era se livrar da cadeia.

— Bem.... bem.... — falou em voz alta — vou ter que elaborar uma nova estratégia de ação.

— Quê? — Perguntou o policial.



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Fora uma surra coletiva. Os três irmãos apanharam feio.

O mais velho, um menino de 8 anos de idade, apanhou mais. De cinto de couro.

A justificativa, subentendida, foi porque além de ser o mais velho, ajudou os menores a beber os refrigerantes (gasosas) e vendeu as duas garrafas.

Os menores, uma menina de 5 anos de idade e outro menino de 3 anos, não entenderam bem porque apanharam.

Na sua inocência não fizeram nada de "errado ou estranho".

Era preciso investigar o acontecido.

Afinal naquela época e naquela cidade, pequena, interiorana, onde praticamente todos se conheciam, as casas tinham muros baixos e os portões e portas não eram trancados e durante o dia, muito menos fechados.

As crianças andavam pela cidade durante o dia, à vontade. E a curiosidade era a "mãe" de muitos acidentes que, se não fosse pelo anjo da guarda que cuida de cada criança, seriam muito sérios e até trágicos.

A menina estava numa idade de muita "investigação, descobertas e experiência".

Uma vez ela entrou num terreno baldio atrás de uma farmácia que, imaginem, estava sendo utilizado como um depósito de lixo pela própria farmácia! Havia vidros de medicamentos — vários ainda cheios —, esparadrapos, band-aids e sabe-se lá o que mais. Ela fez "a festa" e chegou a levar alguns desses lixos para casa. A mãe, sempre em casa a fazer as tarefas domésticas, quando estava atenta era quem socorria as crianças de maiores perigos.

Mas voltando às duas garrafas de refrigerantes, o pai "descera" o cinto nas crianças para dar uma lição e "educar" os três filhos para nunca mais "roubarem", pois foi o que ouvira de um homem que vira o acontecido.

Afinal, só a mãe, na sua tranquilidade e lucidez é que teria que investigar a fundo a história.

O que acontecera, afinal?

E o esclarecimento veio à tona. A menina foi a protagonista do drama.

Ela e o irmão mais novo, vinham de uma de suas andanças perto de casa, quando viram junto ao passeio um engradado cheio de garrafas de refrigerantes - uma preciosidade para qualquer criança.

O engradado estava na verdade mais para dentro do que para fora de um grande galpão, com o portão totalmente escancarado. E não havia ninguém por perto para dizer que aquilo tinha dono e que ninguém podia tirar qualquer garrafa.

Então, a menina e o irmão pegaram uma garrafa, cada e levaram para casa, onde dividiram o produto com o irmão mais velho.

Afinal, tinham entendido que o que está à vista, sem proteção e junto a uma via pública, não deve ter dono e consequentemente, é para quem chegar primeiro.

Mas com a punição que levaram, ficaram sabendo que para qualquer "empresa", principalmente fora de casa, as crianças têm que primeiro pedir permissão a um adulto.

Investigação concluída e lição dada.



# O quê à frente?

**Por Sellma Luanny** 

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Neste tortuoso incerto caminho aquilo que parece certo congruente interessante se apresenta e preenche.

Mas nunca se sabe
o que virá amanhã...
Tempos incertos...
seres impotentes.
Felicidade ou insatisfação?



Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

À filosofia e mestres e ensinamentos...
conseguir se aproximar, se possível...
Uma longa escolaridade, esta vida
de mais questionamentos que respostas...
Para dar sentido à existência,
quanta procura!
Quantas vezes, inútil?!

Para saldar dívidas de dores, amores, prazeres e dissabores... tão necessários entendimento e autoindulgência... alívio! Tentar assimilar, pelo menos o que nenhum livro diz, o que ninguém explica, na verdade: por que se magoa tanto... no coração?



# Imprecisa jornada

**Por Sellma Luanny** 

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Pedras revolvidas... artificiais relevos...
marcadas paredes por pinturas rupestres
de remota idade em esquecidas cavernas.
Por desconhecidas mãos, vegetação
por sementes, de longe trasladadas.

Migrações de fugitivos e pioneiros, a ocuparem solos, rios e mares com suas hordas e esperança e sonhos talvez... Transitado e redefinido, o perfil da terra.

Desses eventos, após ignorada passagem de encobertos traçados... que incontáveis nichos, varreu e alterou, hoje um estranho patamar...

Tentando sobreviver, essas multidões...
de pobres mais que ricos...
doentes mais que saudáveis...
infelizes mais que felizes...
perdedores perante insensatos...

De um começo por revelar e obscuras jornadas, por marcos e sinais, acusados da humana história, os hiatos.

Um traçado de incontáveis direções, tropeços e reviravoltas.

No teatro da vida de um imprevisível personagem e ator, a obstinação.



## Detetives Interdimensionais

Por William F. Eugênio

William F. Eugênio é estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Interessa-se pelos assuntos de culturas alternativas, biologia, cinema, matérias da graduação, psicologia, quadrinhos, rodovias e seriados. Observa o real mundo contemporâneo. Percebe a realidade e tecnologia diretamente interligadas. Interessa-se por viagens, basquete e faz sua parte na sociedade, sendo doador de sangue. Escreveu o conto para potencializar algumas ideias. E no fundo do coração, espera que tenha sido transmitida de forma direta e eficaz.

Hoje eu conheci a estagiária da morte. Calma. Ainda estou vivo. Não passei para ao outro plano. Ainda. Deixa-me explicar. E detalhar melhor isso. Hoje? 05:45min do dia 27 de agosto de 2023. Localização? Autoposto de Serviços. Km 72. Rodovia Anhanguera. SP-330. Domingo de manhã. Aquele momento. Onde a neblina condensa-se. Após o dia anterior de chuva intensa. Percebe-se minúsculas gotículas de água. Descendo a cada segundo despreocupadamente. Na pele, vestes ou cabelos. Em vidros de automóveis. Veículos utilitários e caminhões. E na vidraça do centro de conveniência. Onde crianças, passam o dedo na superfície do vidro. Fazendo corações com o vapor e brincando com a diferença térmica. Dois ambientes. Separados pelo vidro de 350 milímetros de espessura.

O frio e a neblina de um lado do vidro. E o calor humano do outro. Onde viajantes, excursionistas alimentam-se. Com pães na chapa. Coxinhas. Empanados. Fatias gigantes de bolos de cenoura e cobertura de chocolate. Cappuccinos fumegantes. E cafés expressos borbulhantes. Som ambiente. A rádio digital toca Jazz. Superblue. Kurt Elling.

Após o café da manhã reforçado, sigo para o caixa eletrônico. Retiro notas. Para pagar o pedágio. Observo ao longe uma pessoa. Sentada a meio-fio do acesso de entrada do autoposto. Todavia, logo de início parece uma placa de trânsito. Sigo firme em busca de resposta. A cada passo, a curiosidade aumenta. Uma sombra de uma pessoa sentada, torna-se cada vez mais evidente. Veículos seguem em alta velocidade. Rasgam a rodovia. Os faróis acesos dos veículos, me auxiliaram neste instante. A sombra de uma pessoa é mais evidente. Aproximei-me como um detetive. Porém sem parar. Meus dedos tocam nesta pessoa. Neste instante verifiquei seus cabelos médios escuros. Olhos na cor de ouro cintilante. Sua pele branca, destacava-se na roupa social. O blazer na cor vermelho escuro sangue, e uma calça sarja preta, e um sapato com salto médio. Tem por volta de 1.75 metros de altura. Sorriso cativante. Foi neste instante que pergunto:

- Moça! O que faz por aqui? está "gelado" neste momento!
- A mulher, com aparência de 35 anos, me retorna a seguinte frase:
- Olá Will! Estive a sua procura! Sou a estagiária da morte!
- Prazer! Quero conversar! levanta-se —, e nos cumprimentamos.

Eu desconfiado, contornei o assunto, com um certo senso de humor:

— Opa! E eu sou os boletos bancários! — Rindo. — Bom dia! Minha nova amiga!

A "estagiária da morte", coloca o capuz do blazer. E seu rosto desaparece.

Engoli a seco, me assustei, na hora e lembrei de uma lenda do meu finado tio-avô:

- Então é verdade! Meu tio-avô me disse, mas eu não quis acreditar!
- A "estagiária", explica. Sou a Leah. E segue: Presto serviços para o Cosmo!
- Atemporal. Imutável. Inquestionável. O fim do ciclo! Mas não tenha medo!
- Pode me chamar de "Le". Você andou me procurando em sonhos, por quê? Eu olhei para o ambiente. Já havia sonhado com algo. Não fiz rodeios. Neste momento gostaria de fazer milhares de perguntas. Mas fui objetivo. Fiz apenas o meu pedido.
  - Quero acompanhar um dia de trabalho seu! Vou morrer em breve, mesmo!
  - Antes de levar qualquer pessoa, você concede 3 pedidos anteriormente! Leah sorri e completa: — Mas olha! Você tem coragem? — Vai precisar hein?
- Neste momento, a aventura já vale a pena! Exclamo sem pensar duas vezes.
  Com acordo selado, ela toca meu rosto, e sem cerimônia ocorre o beijo de aceite. Ambos desaparecemos. Em 30 segundos, obtive o início de uma experiência inacreditável.

Minha alma observou milhares de espectros observando-me, corpos decompondose, anjos, demônios, diferentes esferas, outros mundos e dimensões. Observei a morte de estrelas, buracos negros aniquilando outros mundos, seres de diferentes espécies mortos. Observei sangue, tripas, "cogumelos" de bombas atômicas aniquilando tudo ao seu redor. Naves estelares em locais remotos do espaço explodindo. Aviões corroídos pelas chamas e o calor. Vulcões em atividade sísmica. Incêndios de proporções diversas, incinerando tudo em seu raio alcance. Assassinatos. Decapitação. Tortura. Monstruosidades. Morte.

Leah retorna ao meu olhar: — Vem cá, bobinho! Vem comigo! Sou toda sua hoje!

- Você vai conhecer minha nobre missão! E que jamais imaginaria!
- Comigo é serviço completo! Tudo ou nada! Vou arrancar teu "couro"!
- Somos mais de 500 somente na Terra. E continua: Ao todo, somos milhares!

Neste instante, ela agarra minha mão. E assim inicia-se minha aventura sombria e fúnebre. A missão de Leah, é de fato surpreendente. Ela tem acesso ao mundo real, o mundo espiritual, o digital, plano das sombras e o interestelar. E me leva de forma etérea em milésimos de segundos a uma ambulância. Verifico uma mãe de família. Chora aos prantos. E a socorrista se esforça sem parar por um segundo, trazer uma criança a vida. Bactéria? Meningite meningocócica. Leah, observa a situação. Retira a alma da criança. Insere-a em uma caixa de cristal. Brilho baixo. A caixa sobe automaticamente.

Saímos em segundos do local. O cenário muda instantaneamente. Um quarto de motel no meio do nada. A esposa. Uma prostituta. Duas amantes. Esfaqueando um senhor de meia-idade. Recém milionário. Todas as envolvidas se beneficiariam com o seguro de

vida. Verificamos o indivíduo, engasgar-se com seu próprio sangue. Agonizando. A cada segundo. Busca sobreviver. Mas em vão. Alma encapsulada. Segue para autópsia astral. Em análise. Leah e eu como detetives "do bem", deixamos o RG da esposa caído embaixo do tapete. Ensopado de sangue. Não fizemos nada de errado. Apenas a nossa parte.

Quando me levantei após deixar a "prova" no tapete, já estou em outro lugar. Em uma plataforma fixa offshore no meio do oceano. Leah, me pede para não entrar. Mas como sou teimoso, não obedeci. Fomos juntos a cozinha da estrutura. Altas labaredas e explosões são percebidas por todo perímetro do local. Mais de 25 pessoas no local foram praticamente incineradas em segundos. Ajudei ela a "encapsular", diversas almas. O tecido humano em chamas é horrível. Tudo ocorreu de forma rápida. Tanto que diversas almas queriam trabalhar. Não obtiveram tempo de entender que morreram. Nosso lado de "psicólogo" foi ativado. Mas Leah, pegou seu artefato místico de "Cronos" e fez algo inusitado. Deixou uma testemunha viver atrás de uma porta corta-fogo. Tem um motivo importante para isso. Alguém deve ser responsabilizado. São muito inocentes mortos.

E esse foi o erro fatal. Leah, tem o juramento com o Cosmo. Tal alteração, como Leah me explicou, ultrapassa as leis dos 9 mundos. Mas que no geral altera os ramos metafísicos, espaço-tempo, destino e da ordem natural do Universo. Isso apenas de acordo com a Seita Órfica. Para outros segmentos, a situação fica pior. Como estagiária da morte, ela não deve poupar nenhuma alma. O equilíbrio do ecossistema universal depende disso. Porém quando fui informado, foi da pior maneira possível. Ambos ficamos encurralados entremeio a outra missão.

Enquanto estávamos no centro de integralização de conectividade, onde milhares de fragmentos de energia, atravessam o tubo de luz. Neste interim da dimensionalidade, deparamo-nos com "Paladinos". Regidos pelas normas mais inflexíveis, eles não são amistosos. Atiram primeiro. Perguntam depois. E fui atingido. Eu não tinha treinamento.

E nem destreza, para um contra-ataque. Acabei saindo do plano espiritual. E despenquei a poucos minutos no local de embarque. Ou seja, no autoposto da rodovia. Caí na grama, com enorme ferimento. Entremeio ao pulmão e a caixa torácica. Leah, desembarcou minutos depois. Me viu retornando ao meu veículo para tentar estancar o sangue. Que jorrava sem parar. Ela me ajudou a abrir a porta do carro. E me jogou lá dentro, enquanto protocolou símbolos no veículo, para que nós sumíssemos por 6 horas. E era o tempo que tinha de vida, naquele instante.

Leah chora, e exclama: — A culpa é minha, Will eu fui imprudente!

- Minha missão era apenas conversar, e sair daqui em menos de 5 minutos.
- Eu, comecei a tossir. E pedi algo inusitado. E fora da caixa.
- Me concede então mais 2 pedidos restantes! Você me deve essa!
- As três primeiras horas, deixaremos tudo que é vestígio, prova ou evidência a todas as mortes que presenciou! Seremos os memoráveis detetives interdimensionais!

Leah, confirma este pedido. Utilizando o artefato de "Cronos", dados e provas de milhares de mortes, submergiram, alterando destinos e histórias de famílias, pessoas, corporações, indústrias e outros tipos de segmentos. Após isso, retornamos ao carro.

Leah entende e contorna: — Tudo bem! E as 3 horas finais? Indagando-se.

Respondo, em milissegundos. — Eu quero você. 100%.

- Me respeita! e contorna a situação, Tenho 670 anos a mais que você!
- Sei que vamos morrer! E intercala Você é louco! Leah indignada.

Leah, deixa mais algumas lágrimas cair do rosto. — Eu sei que vou me arrepender!

— Mas pedido é pedido! — Sequencialmente — E como quer que eu seja?

E sem medo, afinal estou a poucos passos da morte, exclamo:

- Quero te ver, do jeito que é! —, não dá tempo para improvisar, Leah!
- Aquela versão, que nenhuma pessoa teria coragem de ver.
- Não temos muito tempo! —, me concede esse pedido!
- Olha, tem sangue escorrendo pelo banco inteiro do carro. Logo irei partir!

Foi neste instante que Leah, decidiu com receio do resultado atender essa loucura. Ela retirou meu coração. E nos deslocou para uma dimensão digital. Nos forneceu um visual de alguma cabana no meio de uma floresta. Com um visual intimista. Nosso "eu" digital replicava o "real", e assim, Leah despede-se de sua roupa. E me ajudou a fazer o mesmo. O seu corpo está cheio de cicatrizes profundas. Alguns locais em carne viva, e no meio dos seios existia uma enorme fissura que atravessava para o outro lado. É como se tivessem arrancado, com uma garra celestial. A cada toque de sua pele, que não era gelada porque ela estava emocionada, pude entender que existem muitos mistérios entre as dimensões. Tive as melhores horas da minha vida. Não posso reclamar. E não contaria para mais ninguém. Tive acesso a cada centímetro da Leah. E em seu interior, não era macabro, muito menos aterrorizante.

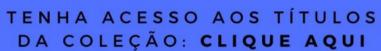
Leah foi a estagiária da morte, com a alma mais incrível que conheci. Aprisionada no destino, e pelo Cosmo. Corrupto. Insensato. Destruidor. Sem um pingo de compaixão. E foi assim. Paladinos nos destruíram. Sobrou apenas minha agenda, onde contei essa

história. A única prova que os detetives da Polícia Científica Rodoviária encontraram dentro do veículo. Além dos meus ossos. Um mistério e tanto, ainda sem solução, teoria plausível ou hipótese confiável pelos investigadores.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

### SELO CONEXÃO LITERATURA





**VISITE:** WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

**CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA** 

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM